

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo common	20 réis
Comunicados	60
Reclamos	100
Artigos	200

LISBOA

Quinta feira 23 de abril de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros.....	600
Numero avulso	50
Paizes da união postal, 24 numeros..	18000

RESUMO

A fortificação improvisada e o tiro moderno, por Miguel Garcia.— Club dos Caçadores do Porto: Escola de tiro, por Baptista de Sá.— Carreira de tiro.— Caçada real.— Club de caçadores.— Grupo de Atiradores do Athenaeum.— Breve noticia historica acerca das armas de fogo portateis, por Nêmo.— Atiradores Civis do Porto.— Branco e Negro.— Javali.— O defeso.— O elephante.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 59)

No exercito russo pelo contrario, não se sabia tomar a iniciativa d'estes trabalhos. Se uma trincheira era construida á pressa durante a noite, e se não tinha sido atacada, no dia seguinte, de manhã, os chefes subalternos esperavam ordens para as completar. (Kourapathine, chefe d'estado maior do general russo Skobeleff, diante de Plewna).

«Resultado do estudo dos ataques dirigidos pelos russos contra os reductos de Plewna, que o difficil não é prolongar o duello da artilheria, de arruinar as obras, de demolir e abrir os parapetos, mas sim substituir as tropas que as defendem ou que vão guarnecel-as a todo o momento. Os parapetos de terra por muito damnificados que sejam pela artilheria, serão sempre sufficientes para abrigar os defensores bem dispostos a supportar o assalto, não se mostrando em grande numero atraz dos espaldões senão no momento em que a artilheria adversaria interrompa o fogo para deixar avançar a infantaria ao assalto.»

«Diante de Nicopolis se notou a impossibilidade de atacar os entrincheiramentos de frente. Um regimento ou um batalhão russo tomava uma, duas e mesmo tres linhas de trincheiras, depois sem parar se lançava sobre a obra principal e ahi era repellido. O regimento ou batalhão visinho retomava o ataque por sua conta e se conduzia da mesma forma e era a seu turno repellido; só ao terceiro ataque se via emfim uma companhia tornear o obstaculo e entrar pela gola.»

«A defesa, não satisfeita do poder já tão consideravel do armamento moderno, quer ainda duplical-o pelo emprego systematico d'este recurso, que nada tem de moderno, mas que nada tem perdido do seu valor—a terra. Sem duvida, este ardor em remover a terra, que se apodera dos exercitos modernos, a exemplo dos exercitos romanos, póde conduzir facilmente e muito rapidamente a perigosos exaggeros; sem duvida, tambem a offensiva saberá frustrar ainda uma vez a defenza na sua esperança de paralisar a marcha das operações e d'immobilisar a guerra, mas para justificar sua

pretenção muito legitima de bater a defesa, a offensiva é sujeita a novos esforços. Contra uma posição solidamente entrincheirada, ella não poderá mais esperar desalojar o adversario, ella deverá prolongar a duração do periodo consagrado á preparação do ataque, depois caminhar lentamente, durante muitos dias talvez, encurtar methodicamente a distancia do seu ultimo ataque e fazer em uma palavra o que fizeram em 1877 as tropas do general russo Skobeleff no segundo ataque das montanhas Verdes, diante de Plewna.

«O exemplo d'este ataque, executado por um dos generaes mais emprehendedores do exercito russo, com processos que lembram as trincheiras de Sebastopol, mostra que a offensiva póde sem custo e no seu interesse utilisar a pá e a picareta sobre o campo da batalha; que a guerra de movimentos e d'operações póde, sem faltar energia, pedir á guerra de sitio alguns dos seus methodos. Este exemplo é tanto mais notavel quanto algum tempo antes o mesmo general tinha sido logrado sobre o mesmo terreno por ter querido desprezar o caminho methodico e proceder por meio d'ataques directos contra posições fortificadas.»

«Os importantes resultados da tomada das montanhas Verdes, escreve o coronel Kourapathine, foram pagos por perdas minimas, cifrando-se em 300 mortos e feridos; este facto se explica pelos processos de ataque empregado.»

Assim vêmos, pois, que trabalhos rapidos e improvisados sem importancia, segundo o ponto de vista technico, fizeram de Plewna em alguns dias uma posição inexpugnavel. Este facto singular e desconhecido até ali nos annaes militares da Europa, as experiencias tantas vezes repetidas n'esta campanha da impotencia dos ataques directos contra os entrincheiramentos, deviam necessariamente ferir os homens de guerra, que perguntaram logo se na fortificação rapida, a terra não ia representar um papel preponderante nas guerras futuras, sendo a pá e a picareta tão indispensaveis como o fuzil, o canhão e outros engenhos mortiferos.

A fortificação quasi tão antiga como a guerra, existindo em todas as epochas sobre diversas phases e formando em todas ellas um problema difficil, tem-se complicado extraordinariamente nos ultimos annos, pelos progressos effectuados em todos os ramos dos conhecimentos militares, e apresenta-se hoje d'uma forma especial—a dos estados, pelo aperfeçoamento da artilheria, organização dos exercitos e liberdade de acção dos invasores; a de campanha, pelos aperfeçoamentos incriveis das armas portateis e condições particulares de combater.

Ora no dia (que não virá longe) em que sobre os campos de batalha nenhuma das infantarias tenha como armamento decisiva superioridade, a victoria ficará, sem duvida, aquella cuja instrucção do tiro fôr mais perfeita e que mais judiciosamente empregue seus fogos. Será então que a par do armamento portatil, as tropas, forçosa e infallivelmente conduzirão consigo a ferramenta portatil; a par dos elementos aggressivos, morte e destruição, os elementos para a defensiva, obstaculos e reparação. Ao hombro ou no chão, a espingarda; á cinta ou na mão, a pá! Os parapetos de terra e os abrigos de toda a natureza se imporão então como uma necessidade e as fortificações de batalha serão o alvo a que deverão attender as tropas para adquirirem manifesta superioridade sobre o adversario; e, se a missão do sapedador é penosa e difficil, tambem é certo que o uso livre ou obrigatorio do trabalho do infante tem por fim a conservação da vida. Por isso, repetimos mais uma vez, que o aproveitamento do terreno natural ou artificial será de futuro a arma defensiva por excellencia.

Vae longo e demorado o nosso serão, sobrecarregando de mais as linhas do *Tiro Civil*; o assumpto, porém, é vasto, e antes de entrarmos propriamente na materia a que nos propozemos, julgamos que todas as considerações feitas e que todos os exemplos da historia militar são uteis e attendiveis; vae n'isto o esforço do homem, do portuguez e do soldado, que se receia do desprezo das cousas militares do nosso paiz.

Miguel Garcia.

(Tenente d'infanteria)

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

Escola de tiro

Na escola de tiro d'este club, começaram no domingo, 19 do corrente, os torneios de tiro annuaes que, pela epocha do defeso, ali se costumam realisar.

A assistencia á abertura da escola foi selecta e numerosa, vendo-se no recinto destinado aos espectadores muitas senhoras e cavalheiros das familias dos associados.

Estes concorreram em grande numero, comparecendo tambem alguns officiaes superiores do exercito, a convite da direcção do club, e os srs. dr. Julio Cesar de Castro Pereira Lopes e Adelino Adelio dos Santos, aquelle presidente da direcção e este director do *Club dos Caçadores de Famalicão* recentemente fundado e de que foram principaes installadores.

Estes dois distinctos cavalheiros vieram expressamente ao Porto para assistirem á abertura da escola e colherem

alguns esclarecimentos para a montagem da que tencionam estabelecer em Villa Nova de Famalicão.

Com a abertura da escola, ficou inaugurada a nova carreira de tiro á bala, por emquanto sómente destinada ao tiro de revólver, pistola e clavina de pequeno alcance.

A nova carreira podia desde já utilizar-se, talvez, para armas de guerra; a direcção, porém, que em tudo costuma proceder muito cautelosamente, não permite que n'ella se empreguem estas armas, emquanto não fór convenientemente rebaixada, coberta e devidamente estabelecidas todas as condições de segurança.

O fogo, que principiou pela manhã, ás sete horas e meia precisas, só terminou depois das tres horas da tarde, com uns tiros de pistola, revólver e clavina, feitos, fóra de concurso, por dois apaixonados d'estes exercicios, um illustrado maior da guarnição d'Elvas e Baptista de Sá.

Para estes torneos inauguraes, de tiro de chumbo e de bala, a direcção do *Club dos Caçadores*, a expensas suas, offereceu dois magnificos premios de prata, um cinzeiro e um copo, sendo aquelle conferido, no tiro de chumbo, a Honório Johnston, e este, no tiro de bala, a Alberto Andresen ou Alfredo Vianna.

Os torneos foram ambos dirigidos por Baptista de Sá e Costa Arantes e os jurys constituídos pelos Srs. drs. Jayme Ribeiro e Julio Cesar de Castro Pereira Lopes, presidentes das direcções dos clubs de caçadores do Porto e Famalicão, e pelos srs. João Andresen e Edmundo Maia, vice-presidente e secretario do *Club do Porto*.

Abrilhou este certamen a banda da *Officina de S. José*, á qual o *Club* offereceu os pombos derrubados.

Eis o resultado dos dois torneos; em dez tiros cada um, sendo alvos no chumbo duas esferas de vidro, dois pombos, duas esferas d'agua, duas placas vitreas e dois passaros, e no de bala o alvo circular, de 80 c. q., com valores de 1 até 10, collocado a 120 metros do atirador.

Torneio a chumbo

	Tiros bons
João Pimenta	7
Alfredo Vianna	7
J. G.	3
A. Silva	6
João Ferraz	6
Costa Arantes	8
H. A.	3
J. A.	5
P. Freixo	6
José Pimenta	6
Chorão Amaral	8
A. Peixoto	7
J. R.	6
Santos Pinto	7
Jacinto de Mattos	7
Silva Moreira	6
A. S.	3
Honório Johnston	10
P. F.	9

Torneio á bala

João Ferraz	22	pontos
João Andresen	20	»
José Pimenta	13	»
Antonio Silva	12	»
Silva Moreira	24	»
Amadeu Paiva	28	»
A. B.	6	»
S. P.	0	»
João Pimenta	22	»
Costa Arantes	23	»
Honório Johnston	8	»
Heitor Antunes	24	»
A. S.	2	»
Alberto Andresen	51	»
Alfredo Vianna	51	»

Porto, 21 de abril de 1896.

Baptista de Sá.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 19 do corrente, dispararam-se 1:210 tiros com a arma de guerra. Bastante concorrida como de costume, estando muitos atiradores das associações e grupos. Os socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* fizeram 420 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 200 ^m , 110 disparados	38	acertados
» » 300 ^m , 240	166	»
» » 400 ^m , 70	45	»
Total... 420	249	»

Distinguiram-se entre outros os srs. Antonio Corrêa Pinheiro, alvo a 300^m, 24 em 30, tiro de pé.

João Ivens Ferraz, alvo a 300^m, 25 em 30, tiro de joelhos.

Joaquim de Sousa Padesca, alvo a 300^m, 10 em 10.

João de Moraes Carvella, alvo a 300^m, 18 em 20; alvo a 400^m, 6 em 10.

Henrique Dumorá, alvo a 300^m, 19 em 20.

Antonio S. Pereira da Costa, alvo a 200^m, 6 em 10; alvo a 300^m, 8 em 10, e alvo a 400^m, 6 em 10, tiro de pé.

Agostinho, Manuel de Sousa, alvo a 300^m, 8 em 10.

Arthur Ferreira de Lima, alvo a 300^m, 7 em 10, tiro de pé.

M. Hermann, alvo a 300^m, 10 em 10; alvo a 400^m, 14 em 20, tiro de pé.

Gil Portocarrero, alvo a 300^m, 20 em 30; alvo a 400^m, 15 em 20.

Os socios da *Associação dos Atiradores Civis Estrella* fizeram 210 tiros e os do *Grupo de Atiradores do Atheneu* 150 tiros.

Com 10 tiros a 300^m, tiro de pé, ao melhor agrupamento.

	Balas acertadas
M. Hermann	10
Moraes Carvella	10
Ivens Ferraz	10
Agostinho M. de Sousa	8
Gil Portocarrero	7
Jacinto Soares	7
Correia Saraiva	3

Ficou vencedor o sr. M. Hermann, por isso que o seu agrupamento foi o mais bem classificado.

CAÇADA REAL

Nas charnecas de Santa Suzana, no domingo 12 do corrente, effectuouse uma montaria aos javardos, a que assistiu El-Rei, acompanhado do sr. Marquez de Alvito e muitas outras pessoas da sua comitiva, além d'estes muitos caçadores de Cahellas, Alcacer e Vendas Novas.

Appareceram 4 javardos, que tiveram a sorte de não ficar nenhum.

CLUB DE CAÇADORES

EM Villa Nova de Famalicão trabalha-se activamente na fundação d'um *Club de Caçadores*.

E' uma noticia que nos enche de prazer.

GRUPO DE ATIRADORES DO ATHENEU

NA eleição a que se procedeu para a comissão gerente d'este grupo, foram eleitos os srs. José Antonio Nunes, presidente; Gustavo José de Jesus, secretario; e Joaquim J. B. Duarte, thesoureiro.

São dignos dos maiores elogios, não só estes cavalheiros, como todos os que n'aquella prestante Associação trabalham e se esforçam para que a educação do tiro nacional seja um facto, que muito nos deve encher de orgulho como portuguezes.

Breve noticia historica ácerca das armas de fogo portateis

(Continuado do n.º 58)

QUASI todos os paizes aproveitaram na primeira transformação os *fechos de silex*, supprimindo-lhe a cassoleta e substituindo o *cão*, e só em 1822 se fabricaram em França os primeiros fechos de percussão

Este fechos tinham grandes dimensões, o que acarretava o grande inconveniente de enfraquecer as coronhas das armas, por isso procurou-se remediar tão grande inconveniente encurtando-lhe a chapa, dando logar a que a *mola real* fosse aproveitar o espaço que era occupado pela *mola de armar*.

Com esta enovação, o movimento da *noz* continuou a ser o mesmo e apenas teve a acção da mola na nova posição de inverter a sua direcção, adicionando-se-lhe uma nova peça, que se denominou *cadeia*, e que tinha por fim levantar o *talão do gavião da noz*.

Ainda uma outra modificação se lhe introduziu, a qual já tinha sido lembrada para os antigos *fechos de silex*, consistindo em suprimir a *mola de armar* e reduzir esta mola e a *mola real* a uma só, com os ramos proximamente egues fixando-se á *chapa dos fechos* pelo vertice do angulo, actuando um dos seus ramos sobre a *peça d'armar* e outro no *gavião da noz*.

Com esta modificação ainda mais se reduziu a chapa dos fechos e tornaram mais leves, exigindo menor cavidade de alojamento na coronha, tornando tambem mais suave o funcionamento dos fechos.

Passaremos a descrever o modelo de fechos de percussão de 1847, por ser esse o que geralmente se adoptou e que ainda se encontra nas armas de caça, de carregar pela bocca, e em alguns modelos de carregar pela culatra.

A peça principal d'estes é a *chapa dos fechos*, á qual se ligam todas as outras peças, que constituem o seu machinismo. Esta peça é geralmente d'aco, tendo abertos diferentes furos destinados a receber os parafuzos da *ponte*, da arvore da *noz*, do eixo do *armador*, do perno da *mola real*, e do parafuzo de *atravessar*, que, conjunctamente com um entalhe, ligam a chapa dos fechos á coronha, havendo ainda uma pequena montagem que é destinada a receber o *pé da mola real*.

Denomina-se *cabeça* a parte da chapa que contém o parafuzo de atravessar, e *cauda* a opposta a esta.

O *cão percutor* destina-se a exercer as funções de martello, fazendo detonar a capsula fulminante. No *cão* nota-se o *corpo*, o *pé*, o *quadrado vaçado*, destinada a receber o *quadrado da noz*, a *cabeça*, a *bocca*, que é uma cavidade quasi cylindrica, cujas paredes são destinadas a envolver a capsula na occasião em que detona, evitando que os estilhaços da capsula vão ferir o atirador, e o *teiró ou lixa*, que serve de alavanca para se mover o *cão*.

A *noz* é a peça destinada a receber o movimento e communicar-o ao *cão*. Ha que notar n'esta peça: a *arvore* que serve de eixo de rotação na parte cylindrica, que atravessa a chapa dos fechos, unindo o *cão á noz* pelo quadrado, onde se encontra um furo riscado destinado a receber o *parafuzo da noz*; o *eixo da noz* que é o prolongamento do eixo da arvo-

re, atravessando a *ponte*; os *entalhes* de *descanço* e *armar*, onde entram o *dente* do *armador*.

A *ponte* destina-se a receber e a sustentar o *eixo* da *noz* e unil-o ao *armador*. Esta foi de todas as peças a que mais modificações soffreu com a transformação dos *fechos* de *silex* nos de *percussão*. Nos primeiros a fixação á chapa era feita por dois parafuzos, um privativo da sua ligação, e o outro que accumulava ser eixo da peça de *armar*; nos segundos a *ponte* é fixada por dois parafuzos privativos. Entre a chapa dos *fechos* e a *ponte* move-se a *noz* e o *armador*.

O *armador* é uma peça destinada a travar com a *noz* para permitir ou evitar o seu movimento. O seu giro faz-se em torno d'um eixo, que entra na chapa dos *fechos* e na *ponte*.

No *armador* nota-se o *corpo*, o *dente* e a *cauda*. O *dente* ajusta-se perfeitamente nos entalhes da *noz*, travando-lhe o movimento, o *corpo* recebe a acção da *mola real* mantendo o *dente* sobre a *noz*, e a *cauda* serve para destravar o *dente* do *armador* quando premido pelo *gatilho*.

O *gatilho* é uma pequena alavanca, compondo-se de duas partes denominadas *patilha* e *cauda*, formando uma só peça.

A *patilha* está introduzida n'uma cavidade da coronha e fixada a ella por meio d'uma cavilha, atravessando o orificio aberto no angulo superior correspondente á *cauda*, ficando o outro extremo debaixo da *cauda* da peça de *armar* e em contacto com ella, dando lugar a que na occasião de se premir o *gatilho* destrua a *mola de armar* e o *dente* do *armador* saia do entalhe da *noz* e esta arraste o cão, obedecendo á *mola real*.

É a *mola real* o motor principal do machinismo dos *fechos*, estando apoiada na chapa por um pequeno *eixo* ou pela *mola*.

O ramo maior da *mola* tem o seu *gavião* repartido, facilitando assim a entrada do duplo *eixo* da *cadeia*, e o ramo menor vae apoiar-se no *corpo* do *armador*, obrigando o *dente* a entrar nos entalhes da *noz*.

A *cadeia* é uma pequena peça destinada a ligar a *noz* com a *mola real*, tem a forma d'um S e cada extremidade um *eixo* duplo, entrando um d'estes no *gavião* da *mola* e outro na *noz*.

Passaremos a comparar os *fechos* de *percussão* com os de *silex*, em relação ao serviço e á presteza do tiro.

Em relação ao serviço apresentam as seguintes vantagens:

- 1.º — Pela suppressão de algumas peças tornou-se muito mais simples o serviço;
- 2.º — O annular-se a difficuldade de se graduar a força da *mola real* com a do *fuzil* e com isto desappareceram as falhas;
- 3.º — Tornar o tiro dependente da vontade do atirador;
- 4.º — Não ter a chuva nem o vento influencia sobre estes *fechos*.

Com relação á presteza do tiro apresentam as seguintes vantagens:

- 1.º — Tornar as causas eguaes;
- 2.º — Impedimento de fuga de gazes;
- 3.º — Fechar-se o ouvido com a *quêda* do *cão*;
- 4.º — Maior rapidez na inflammação da carga;

5.º — Permitir reduzir a carga pela suppressão da *polvora* precisa para o escorvamento.

A par d'estas vantagens apresenta o inconveniente de complicar um pouco mais a operação do carregamento, mas este defeito compensa-se bem pela suppressão da *pederneira* e darem estes *fechos* ao soldado maior confiança na arma.

(Continúa.)

Nêmo.

ATRADORES CIVIS DO PORTO

O nosso apreciavel collega *O Seculo* publicou no dia 17 do corrente o seguinte telegramma do Porto:

Suspensão das associações de atiradores civis

Porto, 16, ás 11 e 40 n. — Como se sabe tem funcionado no Porto a Associação dos Atiradores Civis Portuenses. Ainda no primeiro de dezembro ultimo houve alli uma sessão solemne presidida pelo general de divisão sr. Vasco Guedes, representando o sr. ministro da guerra, e estando presentes os commandantes dos corpos da guarnição, chefe do estado-maior e outros officiaes.

Os socios d'aquella agremiação faziam os seus exercicios com espingardas que lhes foram fornecidas pelo ministerio da guerra.

Ha pouco fundou-se outra agremiação congenera intitulada Associação dos Atiradores Civis do Norte que ainda não funcionava. Estavam em exercicio, segundo me consta, mais duas associações identicas, uma da rua Anselmo Braamcamp e outra em Lordello. Pois tudo isto acabou ou parece acabar.

O commissario geral de policia, fundando-se no artigo 282.º do codigo penal que não permite a existencia de agremiações com mais de vinte socios, mandou hoje apprehender todas as espingardas, participando aos corpos gerentes que não podiam continuar a funcionar sob pena de serem presos e autoados, enquanto não tiverem os estatutos approvados. As espingardas, como tinham sido offerecidas pelo sr. ministro da guerra, foram entregues no quartel general.

Informa-me um dos membros dos corpos gerentes d'uma das associações, que estas podem funcionar sem estatutos, em virtude d'uma autorisação dada em ordem do exercito. Os corpos gerentes vão, segundo me dizem, fazer valer os seus direitos.»

Surpreheendeu-nos esta noticia e, procurando saber o que n'ella havia de positivo, poucos ou quasi nenhuns esclarecimentos podemos obter, parecendo-nos no entanto que, realmente, a suspensão das associações foi devida a terem-se esquecido os seus dirigentes do cumprimento dos preceitos legais, e que satisfeitos estes, não haverá certamente o menor obstaculo em permittir que prosigam na sua tarefa patriótica.

BRANCO E NEGRO

ESTE interessante semanario illustrado, no seu n.º 2, de 12 do corrente, traz um magnifico artigo firmado pelo sr. Henrique das Neves e acompanhado de seis photo-gravuras, descrevendo e representando alguns trabalhos, executados pelos alumnos da Associação dos Atiradores Civis Estrella, no seu ultimo passeio, na ribeira do Jamôr.

Permitta-nos o signatario do referido artigo, que achamos magnifico sob todos os pontos de vista, que estejamos no mais perfeito accordo, sobre a sua ultima parte, em que estigmatiza justamente a *tecnologia estrangeirada* que usam os socios de associações, que, sendo portu-guezes, teem titulos estrangeiros.

O illustre articulista, faz a seguinte citação e termina o seu artigo por esta fórma:

«E o sr. Eça de Queiroz, n'um dos numeros da sua *Revista de Portugal*, diz: «Um homem só deve fallar, com impeccavel segurança e pureza, a lingua da sua terra: — todas as outras deve fallar mal, orgulhosamente mal... Na lingua verdadeiramente reside a nacionalidade... O cosmopolitismo do Verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do caracter. Por isso o polyglota nunca é patriota. O proposito de pronunciar linguas estranhas constitue uma lamentavel sabujice para com o estrangeiro. Ha ahí diante d'elle, como que o desejo servil de não sermos nós mesmos, etc.»

Portanto, meus senhores, quem vem ajudar a levantar a raça, não deve abater a lingua. O patriotismo é um e o mesmo, que deve entrar nos dois sentidos. Temos por certo que aos portu-guezes da grande época, quando se encontravam, não se lhes ouvia:

— O' Coiso, tu és do *Walking-race*?

— Sou.

— Quando batem um *record*?

E outras geringonças d'este jaez.»

JAVALI

NOTICIA o nosso estimado collega *Estrella Povoense*, que nas proximidades de Cavalleiros, na freguezia de Bagunte, tem apparecido um enorme javardo, que é o terror das gentes do sitio. Parece que é o mesmo que o anno passado, por este tempo, appareceu em Macieira de Rates, sendo então organizada uma batida que não deu resultado.

Este anno voltam os mesmos caçadores a vêr se conseguem matar tão mau visinho.

O DEFESO

Todos os dias novos esforços de honradas corporações, dedicados a amadores e zelosos funcionarios, cooperam em favor da lucta contra a destruição da caça. A camara municipal de Villa Viçosa, seguiu-se a de Evora; os caçadores d'esta cidade, a imprensa e algumas autoridades administrativas, tudo em reforço dos trabalhos e propaganda dos clubs e sociedades de caçadores, que tendem felizmente a augmentar.

O nosso estimado collega *O Seculo* do dia 20 do corrente, inseria a seguinte noticia:

Evora, 12. — Os caçadores, amadores d'aqui, crearam o premio de 3,000 réis para ser dado a quem apresentar parte, devidamente testemunhada, á respectiva autoridade administrativa ou policial, de qualquer individuo que seja visto a caçar com arma de fogo ou que, por qualquer meio, destrua criação de caça ou seja encontrado a vender ou a negociar em caça. O sr. administrador do concelho e a zelosissima camara municipal, dando conhecimento d'este premio, por meio de editaes, fez instantes e energicas recommendações a todos os seus subordinados para que empreguem o maximo zelo no inteiro cumprimento d'este seu dever de defeza da caça.

Tambem os mesmos caçadores se dirigiram, por meio de carta, a todos os rev. parochos e principaes proprietarios do concelho solicitando com vivo empenho: aos primeiros, que façam sciente os seus parochianos, fazendo-lhes comprehender, por occasião da missa conventual, o mal que praticam, não guardando a véda; e aos segundos, que recommendem aos seus guardas ruraes, pastores e mais criadagem um absoluto respeito pela véda em questão.

Louvando o sublime procedimento de todos estes cavalheiros, não deixaremos tambem de elogiar o digno commissario interino da policia, sr. Patrão, pela vigilancia que ordenou, e que certamente merecerá a approvação do commissario effectivo, o sr. Amado, para que seja apprehendida toda a caça morta e enviados ao poder judicial os respectivos transgressores, e o illus-

tre inspector da fiscalisação dos tabacos, sr. Sardinha Caldeira, por ter expedido a seguinte

Ordem de serviço n.º 63

«Aos sub-directores e commandantes das columnas em serviço nos districtos de Portalegre, Evora, margem esquerda dos de Santarem e Lisboa.

Tendo-se entrado na época da defeso da caça, recommendo a v. s.ª o fiel cumprimento d'este preceito, pelo que o torno responsavel.

Por esta occasião faço saber a todo o pessoal em serviço de columnas volantes na área d'esta direcção, que castigarei rigorosamente todo aquelle que faltar ao cumprimento do determinado n'esta ordem de serviço, independentemente da responsabilidade em que incorrer para com o tribunal competente, perante o qual terá de responder.—Evora, 17 de março de 1896.—(a) O inspector.

Consola vêr que ha ainda quem saiba comprehender os seus deveres de serviço e de bom cidadão. Se por toda a parte se procedesse como em Evora, Abrantes, Villa Viçosa, Porto, etc., e se as sociedades de caçadores, de tiro civil e protectora dos animaes dessem as mãos e se impozessem convenientemente, talvez que o vandalismo fosse menos e o poder central providenciasse de fórma a exigir que as auctoridades administrativas, empregados fiscaes do real d'agua, guardas florestaes, cantoneiros, etc., cuidassem de vigiar e fazer cumprir com inflexivel rigor todos os preceitos da véda, evitando assim a proxima exterminação da caça, uma das riquezas do paiz, que a uns serve de recreio e exercicio e a outros de occupação e sustento.

Oxalá sejamos ouvidos e comprehendidos.

Todos estes esforços são dignos dos maiores elogios; o sr. inspector da fiscalisação do tabaco, Sardinha Caldeira, prestou um grande serviço, que muito folgaremos vêr seguido por todos quantos estão á frente de corporações como aquella.

D'A Folha de Beja.

«Bem diziamos nós que não obstante as providencias tomadas pelo digno administrador do conchelo para tornar efectiva a prohibição de caçar durante o tempo *defeso*, sempre haviam de apparecer infractores a castigar por não fazerem caso das ordens da auctoridade. Domingo de madrugada foram apprehendidos pela policia, na estrada de Beringel, 31 coelhos que eram conduzidos para a cidade.

A caça foi distribuida pelo Hospital Civil e Casa Pia e os seus portadores multados em réis 270000.

A policia não descarta este serviço e pena é que não haja mais guardas disponiveis para dar caça a certos caçadores que não respeitam o *defeso*.

Assim, apenas com um guarda encarregado de fiscalisar a maneira como os caçadores cumprem o edital sobre caça, não é facil descobrir e castigar os infractores, que os ha e em abundancia, não só nas freguezias rurais mas até mesmo dentro da cidade.»

Este nosso estimado collega é dos que melhores serviços está prestando á nossa causa.

Do Correio de Cintra.

«Ha dias foi apprehendida pelo cabo chefe do lugar de D. Maria, ao celebre *fidalgo* da Olela, uma lebre que elle, contra o disposto nas posturas prohibitivas, havia caçado.

O *fidalgo* da Olela, é, ao que nos consta, useiro n'estas transgressões, tanto que ainda não ha muito tempo vendeu em Bellas 3 coelhos!

Apoiamos fervorosamente o procedimento do cabo chefe do lugar de D. Maria, tanto mais que temos recebido grande numero de reclamações do Club de Caçadores de Lisboa contra os caçadores furtivos que inutilizam as creações.

As auctoridades pedimos que sejam rigorosas no cumprimento dos seus deveres, contra estas *raposas bipedes*.»

Vamos diligenciar obter os nomes de todas as pessoas que prestam serviços á causa do *defeso* para os publicarmos, e igual pedido fazemos aos nossos collegas; o nome d'uma auctoridade superior ou de um simples guarda, todos por igual figurarão na secção que lhes destinamos.

Um nosso estimavel assignante d'Evora, escreve-nos, dizendo que á guarda fiscal que garnece toda a parte sul do Rio Tejo, desde a raia secca, até ao literal, foram dadas ordens para apprehender toda a caça que seja encontrada nas mãos dos negociantes ou caçadores furtivos, prendendo os transgressores do *defeso* e entregando-os ás auctoridades civis.

Devemos consignar que cabem os maiores louvores a quem tal ordem deu, por isso que esta medida vem facilitar trabalhos que n'este sentido se estão fazendo com todo o ardor, e é a unica que pôde trazer o respeito pelo *defeso* e por conseguinte pôr ponto na devastação, que ha muito anniquila por completo a caça indigena.

O ELEPHANTE

(Continuado do n.º 59)

Os cascos, em numero de tres ou cinco, são informes e não indicam o numero de dedos (cinco em todos os pés) que ficam encrustados e occultos debaixo da pelle.

Este corpo informe, colossal e pesado, é revestido d'uma pelle calosa, gretada, espessa, cinzento escuro e enegrecida, com raras pêllos e que não são apparentes senão debaixo da tromba, sob as palpebras e debaixo da cauda terminada por um penacho de crinas.

Os elephantes vivem nos paizes mais quentes da Africa e da Asia. Procurando as florestas e os lugares pantanosos, andam aos bandos mais ou menos numerosos, que são sempre guiados por um macho velho. A alimentação consiste emervas, raizes e grãos. Vão muitas vezes procurar esta alimentação aos campos cultivados, onde fazem consideraveis estragos.

Os elephantes captivos são gulosos de bananas e miolos de côco; mas o sustento ordinario consiste em feno, palha, arroz, crú ou cosido, pão e folhas d'arvores. Cousa singular, habituam-se facilmente a beber vinho, aguardente e todas as qualidades de licores espirituosos.

O elephante que foi mandado para Versailles no tempo de Luiz XIV comia oitenta libras de pão por dia e dois baldes de caldo; bebia doze meias canadas de vinho, e consumia além d'isso, grande quantidade de bolos que lhe levavam os visitantes.

A marcha dos elephantes é muito mais rápida do que poderia suppôr-se do seu andar pesado. Estes animaes poderiam, segundo certos auctores, andar vinte e cinco legoas por dia. Nadam muito bem.

Disse-se muito tempo que os elephantes não podiam deitar-se e dormiam constantemente em pé. E verdade que se encontram entre os elephantes, como nos cavallos, individuos que podem dormir de pé e raras vezes se deitam; mas ordinariamente dormem deitados de lado, como a maior parte dos quadrupedes.

A graivez das femeas dura vinte mezes. Vindo ao mundo, o pequeno pachyderme tem um metro d'altura. Está em pleno uso de todos os seus orgãos e é bastante forte para acompanhar os paes. Quando quer mamar, deita a tromba para traz e mama na teta materna com a bocca e não com a tromba, como alguns teem dito. A amamentação dura proximaemente dois annos.

O elephante é dotado de grande intelligencia.

Comprehende a justiça, isto é, agradece o bem com o bem e paga o mal com o mal. O cornaca d'um elephante de Madagascar quebrou um dia, por maldade, um côco na cabeça do animal. No dia seguinte o elephante, passando por uma rua, viu côcos expostos n'uma loja. Pegou n'um com a tromba e bateu com elle na cabeça do cornaca que morreu instantaneamente.

Um rapaz tinha offerecido e recusado muitas vezes um pedaço de assucar a um elephante, depois tinha concluido por dal-o a outro elephante. O primeiro offendido, agarrou o rapaz com a tromba, rasgou-lhe o fato e magoou-lhe o rosto. Foi preciso acudir ao imprudente e fazer com que o animal furioso o largasse.

Um elephante costumava estender a tromba para as janellas e portas das casas de Achem (ilha de Sumatra), como para pedir fructos ou raizes e os habitantes gostavam de lh'os dar.

Uma manhã estendeu a tromba para a janella d'um alfayate, que, em vez de dar-lhe alguma cousa, lhe picou a tromba com a agulha. O animal pareceu supportar com paciencia aquelle insulto. Continuou o seu caminho e dirigiu-se tranquillamente para o rio onde o cornaca o levava todas as manhãs, para o lavar. Mas remechou o lodo com uma das patas deanteiras e aspirou com a tromba grande quantidade de agua lodosa. Quando tornou a passar na rua onde ficava a loja do alfayate, avançou para a janella do alfayate e atirou-lhe uma tromba d'agua com tal força que o alfayate e os officiaes foram deitados ao chão e ficaram todos n'um charco de lama.

Buffon conta o seguinte:

«Um pintor queria desenhar um elephante de Versailles n'uma attitude extraordinaria que era ter a tromba levantada e a bocca aberta. O creado do pintor, para elle se conservar n'esta posição, atirava-lhe fructos para a bocca e a maior parte das vezes fingia que os deitava. O elephante indignou-se e como se reconhecesse que o pintor era a causa d'esta importunidade, em vez de castigar o creado, dirigiu-se ao amo e atirou-lhe com a tromba uma tal quantidade d'agua que lhe estragou a tela.»

O elephante, que tem o sentimento da sua força, sabe sempre proceder de modo, que a sua pessada massa não incommode os mais fracos do que elle.

Passa através da multidão, abre passagem com a tromba, de modo que não importuna ninguém.

O dr. Franklin, diz que foi testemunha da dedicacão do elephante pelas creanças.

«Vi eu proprio, diz elle, na India a mulher d'um mahud, confiar a guarda d'uma pequenina creança a um d'estes gigantes. Diverti-me a considerar a sagacidade e cuidados que prodigalisava á creança.

O elephante havia tomado a serio o seu cargo. A creança, como tantas outras, não gostava de estar na mesma posição e queria que se occupassem d'ella, gritando logo que se via abandonada.

(Continúa.)